

ANEXO DIGITAL 17

LABORATÓRIO DE ILUSTRAÇÃO “CONTOS ILUSTRADOS” | FICHA INFORMATIVA SOBRE MARIA ONDINA BRAGA

Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo e Ensino Secundário
RELATÓRIO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

**A NARRATIVA VISUAL E A REPRESENTAÇÃO INTERPRETATIVA
O contributo das novas tendências da ilustração para o pensamento crítico nos adolescentes**



MARIA ONDINA BRAGA | Ficha Informativa

Ficcionista. Depois de concluir os estudos liceais na sua cidade natal, prosseguiu os seus estudos em França e na Inglaterra, trabalhando como enfermeira. Regressa a Portugal em 1964, depois de ter sido professora, sucessivamente, em Angola, Goa e Macau. Desenvolvendo também a actividade de tradutora (traduziu, entre outros, Erskine Caldwell, Graham Greene, Bertrand Russel, Marcuse, Todorov), colaborou em várias publicações periódicas como *Diário de Notícias*, *Diário Popular*, *A Capital*, *Panorama*, *Colóquio/Letras* e *Mulher*. Incluindo na sua bibliografia a poesia e as crónicas de viagem, Maria Ondina Braga afirmou-se como ficcionista, sendo considerada um dos grandes nomes femininos da narrativa portuguesa contemporânea. Recebeu o Prémio Ricardo Malheiros para o volume de contos *Amor e Morte*, em 1970, e o Prémio Eça de Queirós para o romance *Nocturno em Macau*, em 1991. Colhendo a experiência da sua vivência de errância, os contos, novelas e romances de Maria Ondina Braga, frequentemente protagonizados por mulheres evocadas no seu viver solitário e angustiado, mitificam, através da memória do narrador que apreende subjectivamente essas figuras, situações de aprendizagem e iniciação, de transição entre idades, de confronto entre o eu o mundo." (cf. MARTINS, Manuel Frias - *Sombras e Transparências da Literatura*, Lisboa, INCM, 1983, p. 170).

SALÃO CLEÓPATRA

“Ainda consegui ler, porque estou a estudá-los, um dos magníficos contos, no caso «A Trança», que a Maria Ondina publicou em 1975 no livro «A Revolta das Palavras». A cena passa-se em terras africanas, como o leitor se apercebe pela menção aos «operários indígenas que trabalham no calcetamento», pela referência à «noite de África», essa recorrência vivencial na sua escrita dos tempos de Angola. A cena é um instantâneo «em prédio de esquina moderno com varandas de cimento oblongas como grandes banheiras», num vulgar cabeleireiro, o «Salão Cleópatra», onde «de cabeças coroadas de *bigoudis*, as senhoras lembravam bonecas enormes em exposição».

Uma delas terminará com um «corte a trança», e ela Maria Ondina que a usava, «que de tão preta parecia azul».

Li, sublinhando, entrando na interioridade do conto, no sentido modo de o contar.

Há na escrita de Maria Ondina Braga uma constante espiritualidade sensualizada, o extâse e o clímax num acto só. «A cabeleira desprendia-se, pesada, ia-lhe vestindo ombros e ancas, e, ao longo dela, as mãos do homem, muito brancas, lembravam borboletas adejando no capim do sol, estonteadas, sem saber onde pousar», escreve tátil e sensitiva.

Escrita de contida alma e vulcânico corpo, há nela momentos de terno enamoramento, como quando, as mãos ágeis, as palavras gentis de que o ruborizar-se explicavam o sentido, o cabeleireiro, a face de Apolo compenetrada, não se conteve: «como sou pouco para este cabelo, madame!». Como pode exprimir-se melhor o amor?”

PUBLICADA POR JOSÉ ANTÓNIO BARREIROS in <http://mariaondinabraga.blogspot.com>
